

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

## **Memórias marginais e a construção de uma história**

## **Mémoires marginales et la construction de l'histoire**

Licia Soares de Souza,<sup>1</sup>

RESUMO: Este artigo interroga o conceito de “memórias marginais”, indagando em que momento tais memórias poderiam ser compartilhadas para se interconectarem com as memórias coletivas e poderem colaborar para a construção de uma memória longa da nação. Analisando *Memórias do cárcere*, *400 Contra 1 - Uma História do Crime Organizado*, *Memórias de um sobrevivente* e o filme *Quase dois irmãos*, tenta-se entender como essas narrativas, caracterizadas como marginais, manifestam uma dinâmica intertextual, aptas a escaparem de uma idealização puramente indicial que representa vidas e fatos sem nível relacional para um compartilhamento simbólico (Pierce). Comportando citações de um patrimônio comum, essas narrativas transmitem signos memoriais não apenas do real político mas, sobretudo, de um real cultural, comprometidos com a idealização simbólica de um coletivo: elas podem dar sentido a uma série de fenômenos individuais e descontínuos, buscando o inteligível da memorialidade.

Palavras-chave: Memória; Marginalidade; Literatura e cinema brasileiros.

RÉSUMÉ: Cet article interroge le concept de « mémoires marginales », et l'on se demande en quel moment ces mémoires pourraient être partagées pour s'interconnecter avec les mémoires collectives et collaborer ainsi avec la construction d'une mémoire longue de la nation. Avec l'analyse de *Memórias do cárcere*, *Memórias de um sobrevivente*, *400 contra 1: Uma História do crime organizado* et du film *Quase dois irmãos*, on essaye de comprendre comment ces récits, caractérisés comme marginaux, manifestent une dynamique intertextuelle, aptes à échapper à une idéalisation purement indiciale qui représente des vies et des faits sans un niveau relationnel pour un partage symbolique (Pierce). En comportant des citations d'un patrimoine commun, ces récits transmettent des signes mémoriaux, non seulement d'un réel politique, mais surtout d'un réel culturel, liés à l'idéalisation symbolique d'un collectif: ils peuvent donner un sens à une série de phénomènes individuels et discontinus tout en établissant l'intelligible de la mémorialité.

Mots-clé: Mémoire; Marginalité; Littérature et cinéma brésiliens

Os projetos de examinar a possibilidade de existência de uma memória longa, nas Américas, a partir de Gérard Bouchard (2002) e Zila Bernd (2009), têm conduzido a reflexões proficuas sobre o reconhecimento e o aproveitamento de vestígios, nexos e campos culturais esquecidos ou negligenciados pela história oficial. Nesse âmbito, torna-se válido, igualmente, observar a noção de “memória longa” de Joël Candau (2011), que se distingue da “memória profunda”, a qual ordena os fatos em critérios cronológicos causais, lineares e organizados. A

---

<sup>1</sup> Licia Soares de Souza é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB, e do Pós-Cultura da UFBA. E-mail: liciasos@hotmail.com.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

memória longa, pelo contrário, “ignora a cronologia rigorosa da História e suas datas precisas que balizam o fluxo do tempo.” (CANDAU, 2011, p. 87). Ela confere ao tempo uma extensão maior e permite que o passado seja visto pelas lentes do presente.

Nós nos interessamos particularmente pelo que chamaríamos de “memórias marginais”, indagando em que momento tais memórias poderiam ser compartilhadas para se interconectarem com as memórias coletivas e poderem colaborar para a construção de uma memória longa da nação. Mas, nessa perspectiva, o que viriam a ser “memórias marginais” e em que elas se distinguiam de simples memórias?

Inicialmente, para nossa análise, uma visada da distinção entre “memória saturada” e atitude amnésica deve ser não apenas contemplada, mas igualmente contextualizada em uma situação histórica concreta.

No excesso de memória, encontra-se uma quantidade enorme de referências a heróis construídos: generais, patronos das forças armadas, descobridores, presidentes, governadores, ministros, cujos nomes são aprendidos e repetidos desde a infância. Já na atitude amnésica, encontram-se certos fatos trançados de tal forma, que são capazes de explicar muitos dos fenômenos sociopolíticos que ocorrem numa formação social dada. No entanto, eles foram deixados pra trás; não foram focalizados para a elaboração de uma história cultural adequada para dar conta da formação identitária de um coletivo.

A atitude amnésica já havia sido apontada, de alguma forma, por Linda Hutcheon (1991), quando denunciou que os historiadores só veem a causa dos grandes heróis tradicionais, guerreiros e salvadores, numa história factual contada por eles de causa a efeito. Hutcheon passou a considerar a importância do cotidiano de pessoas comuns que construíram a história do país sem heroísmo, que foram vencidas, marginalizadas e, mesmo, esquecidas das narrativas históricas tradicionais ou convencionais.

Nessa dialética entre memória e esquecimento, reportamo-nos à sociedade brasileira cotidiana com seu grande cenário de violência. A violência social, praticada por bandidos delinquentes, tem suas bases assentadas nas favelas, que é um cronotopo<sup>2</sup> já conhecido no mundo inteiro, utilizado com seu termo próprio em língua portuguesa, sem traduções. Os

<sup>2</sup> Lembremos que o cronotopo, conceito de Bakhtin(2002), refere-se a uma unidade espacial dinamizada pela temporalidade de uma ou várias narrativas dadas.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

bandidos quadrilheiros, muitas vezes traficantes de drogas, tornaram-se o “outro” da resistência aos regimes hegemônicos e figuram como protagonistas em uma série de produções literárias, filmicas e musicais contemporâneas. É bem verdade que uma parte do público já considera que a representação de quadrilheiros, com seus socioletos, faz parte de uma memória saturada; outra parte considera que existe, ainda, uma grande necessidade de se mostrar à sociedade brasileira onde estão as causas de tanta violência e o porquê de se ter esquecido de insistir na compreensão da formação das classes sociais brasileiras.

As narrativas das quadrilhas perigosas inscrevem-se no que Antonio Cândido (1989) designou de Realismo feroz. Esse tipo de realismo tem características naturalistas, com seu determinismo biológico, tendendo a mostrar seus protagonistas como produtos de vários determinantes externos à sua natureza. <sup>3</sup>Nesse sentido, aparece a formação de um lumpesinato<sup>4</sup>, que foi criando suas comunidades no final do século XIX, após a abolição da escravatura, quando os ex-escravos foram postos nas ruas sem salários e terra, e após a Guerra de Canudos, em que soldados, esperando a moradia prometida pelo governo, criaram sua favela (nome de planta do sertão) em um morro do Rio de Janeiro. Legiões de retirantes expulsos do campo pelas secas vieram igualmente engrossar as fileiras do lumpemproletariado nas zonas urbanizadas do país, que passaram a ser palco de um novo tipo de banditismo, as quadrilhas do tráfico de drogas.

---

<sup>3</sup> Nas cidades, o naturalismo acostumou os leitores com grupos de malandros e de mulatas lascivas, cujas peripécias e atributos sensuais não constituíam um perigo para a sociedade. Mas, a partir dos anos 1990, os escritores e cineastas aproveitaram o embrião narrativo de Rubem Fonseca, que já entrevia a perspectiva conflitante que a violência real projetaria na moderna arte nacional (BISPO, 2009), para dar conta de uma representação de grupos de bandidos sociais, geralmente negros, que ultrapassariam as formações ideológicas da malandragem, para expressarem suas revoltas diante das classes mais abastadas, com armas sofisticadas nas mãos.

<sup>4</sup> São as chamadas classes perigosas, o lumpemproletariado (do alemão *Lumpemproletariat*). Rocha (2007) mostra a posição de Janice Perlman, que indica como muitos neomarxistas, contrariando Marx, encontram possibilidades de revolução no lumpesinato, sobretudo pelo fato de estarem em contato, em espaços precários, vivendo estados de exclusão, que chegam mesmo ao epistemicídio. Essas classes podem criar barreiras para os ideais burgueses de acúmulo, mas suas formas de politização são debatidas de várias formas. Alguns os veem confinados em espaços exíguos, libertos de todos os laços substanciais, correspondendo à definição marxista de sujeito proletário revolucionário. Outros os veem como indivíduos aventureiros que se agrupam, com o objetivo de sobrevivência, mas sem a adequada politização que os tornariam engajados com uma causa social, embora constituam o “outro” de uma resistência às formas tradicionais de poder, com predisposição ao combate. Seja como for, a posição de Rocha (2007, p. 64) apresenta-se precisa: “A perspectiva mais óbvia para o bandido ‘bem sucedido’ é a de se tornar proprietário, inserir-se no contexto da ordem sem representar nenhum exemplo real de mudança estrutural”.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

A história da formação do lumpesinato é aqui muito panorâmica. Mas, nesse contexto, outros fatores das tensões entre o arcaico/moderno afloram nos textos do Realismo feroz. Diante de um ambiente novo e hostil, o que é chamado o do “asfalto” em conflito com o da “favela”, as comunidades das “classes perigosas” buscam, nas raízes da cultura brasileira, formas de organização. Elas se estruturam como em um sistema de clãs patriarcais e escravocratas, combinando os interesses contraditórios dos chefes de quadrilha (como os latifundiários do Nordeste e senhores de escravos) e os dos sitiados submetidos ao arbítrio desses chefes. Os chefes, armados com a artilharia mais moderna (melhor do que a da polícia) e munidos de aparelhos de novas tecnologias, efetuam benfeitorias nas comunidades, mas constroem os moradores a lhe prestarem obediência e a silenciarem pelo medo. De tal forma que a ideia do “inútil utilizável” (GALVÃO, 1972), que configura a categoria do jagunço, inútil para a produção, mas útil para o poder, adequa-se à categoria dos novos bandidos, que são frutos da exclusão social, mas buscam formas anômalas de inclusão.

Diante dessa matriz significativa social, permanece, ainda, a questão literária da retomada do naturalismo, em tempos de predomínio de uma literatura desconstrutiva dos referentes, de ideias e utopias e de narrativas espaço-temporalmente bem delineadas. É a época de uma ênfase no cosmopolitismo, e como, assim, efetuar essa volta a estilos de representação literária já considerados superados? De todas as evidências, a ideia da predominância do documental, o pensamento de forças determinantes, definindo a posição do indivíduo em um mundo de deriva, marginal ao de um Estado de Direito, a literatura presa ao empirismo, a serviço de seus objetos de representação, e a fusão do determinismo biológico com o determinismo social retratam uma situação suscetível de configurar a condição de atraso do país. Antonio Cândido (1989) justifica essa tendência por uma demora cultural. O Brasil ainda tem problemas de ajustamento e de luta com seu meio e problemas ligados à diversificação racial, tendo, assim, prolongado suas preocupações naturalistas. Nesse caso, existe uma memória marginal que emerge, configurando um universo sógnico apto a dar conta da vida de milhões de indivíduos excluídos da vida social, que trazem consigo o peso de uma história fundamental para a compreensão do país, mas que tem sido esquecida e negligenciada.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Durante os anos de chumbo, formou-se uma realidade caótica de violência que transformou o panorama social do país. A reestruturação das classes *lumpen*, lutando para sobreviverem, deu origem a novos agentes sociais e políticos, capazes de interferir nos destinos da nação. As favelas, como extensão das senzalas e dos cortiços, que já tinham sido confinados, durante os planos de modernização, continuaram guardando a “alma” artística do país. No entanto, passariam a abrigar as corporações poderosas, nascidas do convívio nos cárceres, contra as formas repressoras de tratamento, que, para continuar sobrevivendo, desenvolveram o tráfico de drogas.

Com o tráfico, instaurou-se uma forma de intervenção tida como o coronelismo urbano, que se apropriou da vida comunitária nas favelas, instituindo códigos de conduta e de legislação próprios, o que ficou conhecido como o “poder paralelo”. Tal poder mostrou a falência do Estado de Direito, no país, de duas formas. Primeiramente, ficou claro como as populações carentes das periferias urbanas e as da zona rural, que vinham engrossar as fileiras das favelas, haviam sido deixadas ao abandono por tantas décadas. Em segundo lugar, pode-se ver a ascensão do poder paralelo, inicialmente, sem qualquer coibição, e, em seguida, com a convivência das instituições públicas e do Estado em geral.

Os Direitos Humanos foram tornando-se um mito, a narrativa do Direito, no país, esfacelou-se e a ordem jurídica desconjuntou-se. Dessa forma, o Estado de Direito, que deveria criar as condições de proteção de seus sujeitos, passou a existir dentro da zona da fantasmagoria jurídica. Em outras palavras, o Estado de Direito passou a ser um espectro, presente na memória dos indivíduos e assim erroneamente interpretado, e na guerra urbana entre quadrilheiros, policiais, profissionais do direito e a população em geral. Esta virou as costas para os termos “direitos humanos”, associando-os, absolutamente, à proteção de bandidos atemorizadores da sociedade.

Em termos de representação, foi a época do surgimento de uma série de narrativas conectadas com essa realidade social (em várias formas: romances, diários, (auto) biografias etc.), as quais se tornaram matrizes para filmes premiados, com grande sucesso de bilheteria.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

O Realismo feroz acentuou-se, associando-se a outro tipo de realismo que caracterizamos como “realismo pós-metafísico”.<sup>5</sup>

Qual pode ser a realidade de um compartilhamento de representações de um estado de justiça? E qual pode ser a realidade de um compartilhamento de lembranças de vivências e convivências numa espiral de crimes e castigos? Em termos semióticos, tocamos aqui nos movimentos dos objetos dinâmicos que se cruzam e se interpenetram, forçando, de todas as maneiras, uma emergência de representações de objetos imediatos que dão uma visão construída de cada situação. Lidamos com tantas memórias que são exatamente objetos imediatos transcriados e transpostos para a cena discursiva<sup>6</sup>.

Alguns formaram memórias de prisão com enquadramentos sensoriais de experiências, muitas sofríveis, outras de descobertas, outras de salvação, como os exemplos de Graciliano Ramos, Luis Alberto Mendes e William Lima. Essas são, inicialmente, memórias indiciais, de natureza singular, que nascem sem a menor garantia de que serão compartilhadas. Representam relações de si para si mesmo, um trabalho de si sobre si mesmo, “[...] um conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória” (CANDAUI, 2011, p. 61), como devem existir um número infinito<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> Nós achamos por bem falar de realismo pós-metafísico. A partir da leitura do escritor tcheco-alemão Kafka e da citação de sua obra pelo policial do BOPE, em *Elite da Tropa I*, a degenerescência dos princípios e das metas metafísicos que alicerçavam o Estado de Direito está em primeiro plano. Um mundo humano, de justiça ideal faz parte da memória metafísica do direito, em que a Verdade e a Justiça podiam ser visadas claramente. Mas, num Estado de insegurança, a ausência de uma Verdade exige a invenção de várias verdades relativas aos diferentes contextos e desestrutura as garantias essenciais e naturais fornecidas pela metafísica. De um lado, no contexto pós-modernista, pós-tradicional e pós-colonial, pode haver influências benignas do contexto pós-metafísico, à medida que os direitos podem ser desmembrados em forças de desejo contextuais, ao invés de ficarem engessados em uma sempiterna rede de valores. A invenção, a renovação, o questionamento de toda metafísica tornam-se salutares no seio de um Estado de Direito justo. No entanto, assistimos a uma derrocada de valores que leva à inacessibilidade da lei e, muitas vezes, à sua dissolução. Novos códigos legislativos surgiram, é bem verdade, como consequência das rupturas da narrativa jurídica, mas legitimando o crime organizado, com a convivência cada vez maior do Estado. O Estado de Direito, com a incessante luta pela justiça social e suas conquistas de segurança jurídica, virou um fantasma, e, em seu lugar, brotou o Estado do crime e da corrupção, com seu arquipélago panótico, gerando códigos, discursos, e figuras enquadradas próprias. Essa é fase maligna da era pós-metafísica.

<sup>6</sup> Na semiótica de Peirce (SOUZA, 2006), existem dois tipos de objetos que determinam o signo: o “objeto dinâmico”, exterior ao signo que faz parte do contexto social e cultural, e o “objeto imediato” que é aquele que aparece na representação. Este é, em suma, um recorte dos objetos dinâmicos, a forma como o referente aparece no signo com vários meios retóricos, estilísticos e argumentativos.

<sup>7</sup> Fazemos novamente referências à semiótica **peirceana** com os três signos em relação ao seu objeto, nas três categorias: 1. O “ícone”, é signo de “primeiridade”, signo de possíveis e de virtualidades; 2. O “índice” é signo de “secundidade”, signo de singularidade, e que remete ao objeto em razão de uma relação direta de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Quando, então, essas memórias singulares podem tornar-se representações de memória coletiva e guiar a construção de uma história? Na maior parte do tempo, o sujeito fala de um passado feito de rupturas e violências desenhando um traçado que redimensiona uma vida com base em índices dispersos de um passado coletivo. A forma do relato, que singulariza um ato de rememoração, pode se ajustar às condições coletivas de rememoração coletiva e atingir o nível semiótico do símbolo. E é preciso dizer que um símbolo pressupõe a singularidade do índice e a primeiridade virtual dos ícones, campo do sensorial. Nesse caso, um “tecido memorial coletivo vai alimentar o sentido de identidade.” (CANDAUI, 2011, p. 77).

Com o símbolo, pode-se falar de “memória longa”, com extensão temporal maior, criadora de relações sociais, permitindo tradições, convenções, costumes e hábitos sobreviverem e se renovarem. Nesse sentido, as memórias singulares aqui tratadas fornecem, primeiramente, múltiplos instrumentos para a compreensão de uma série de acontecimentos que formaram a natureza da realidade que o país está vivendo no presente e que, ainda perplexo com o nível de violência, não consegue entender os enredamentos históricos. Pois, os conflitos que configuram a “guerra urbana”, tanto aqueles das ruas tortuosas dos morros como aqueles ordenados no arquipélago panótico<sup>8</sup> das prisões, não chegaram a ser visualizados pelo coletivo. O que a mídia exhibe, diariamente, em seus jornais impressos e eletrônicos, são apenas fragmentos dispersos de uma luta que tem um início secular e que as memórias de cárceres, com a corrosão de grandes narrativas, de mitos fundadores e de discursos oficiais, põem a nu; estas auxiliam, assim, a sociedade a achar seu fio de Ariane, com um discurso metamemorial que aponta, também, para os vestígios perdidos do Estado de direito.

## Sobre *Memórias do Cárcere*

---

contiguidade; 3. O “símbolo” é um signo de “terceiridade”. Remete a seu objeto em virtude de uma convenção, lei ou associação de ideias gerais. Ele contém um ou vários índices.

<sup>8</sup> O “Panótico” é uma concepção de Michel Foucault (1996), em que a punição não se dá mais como relações de forças associadas ao poder de um soberano, mas como uma teia de relações de vigia e punição, não permitindo a identificação clara da natureza desse poder nem de suas estratégias. Esse é o modelo panótico de prisão.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Graciliano Ramos foi preso em março de 1936, acusado de ligação com o Partido Comunista, após ter sido demitido da função de Diretor da Instrução Pública. Prisão sem processo, a acusação formal nunca chegou a ser feita. No entanto, o acusado foi deportado para o Rio, num porão de navio, onde permaneceu encarcerado até janeiro de 1937. Dessa experiência nasceu a obra *Memórias do Cárcere* (MC), publicada postumamente em 1953. A maioria dos estudiosos dessa obra é unânime em mostrar que o relato é mais do que uma observação simples das condições humilhantes de vida na cadeia, mas, sobretudo, uma análise profunda do autoritarismo que marcou a ditadura de Vargas, a qual propiciou vários abusos de poder. O tempo disciplinar de Ramos, a partir de sua ordem de prisão, vai ser desdobrado numa longa viagem que estabelece um percurso narrativo próprio dos deslocamentos do “acusado”. Ele parte de Alagoas para o sudeste, no porão do navio Manaus, onde já pode constatar o ambiente putrefato, com delinquentes de várias espécies e origens. São várias interações e trocas em que o “acusado” vai mudando sua percepção dos fatos vividos, a qual o guia na escritura das memórias. Há circulação, há movimento, mesmo em condições precárias, e ele diz: “Já me haviam feito andar em três estados e conhecer cinco prisões. Novas mudanças arbitrárias, inexplicáveis, chegariam.” (RAMOS, 1953, p. 342). Em alguns momentos, focaliza os lugares com uma máscara de narrador itinerante, quando vai reconhecendo a entrada do navio em determinados portos e o vaivém de outros “acusados” que entram e saem.

A sociedade panóptica, validada pelo encarceramento e existente como arquipélago carcerário, acaba por potencializar uma vontade de delinquência nos condenados, pois, ao invés de produzir os corpos socializados para o trabalho, produz criminosos mais violentos. Ramos (1953), nesse sentido, opera uma descrição qualitativa das condições precárias do ambiente punitivo que despersonaliza, corroendo os restos de humanidade que poderiam ainda existir em cada condenado. Tudo é “imundo” e “nauseabundo”, a alimentação é péssima, tirando-lhe o apetite; odores desagradáveis e ruídos desarmônicos existem, em toda parte, sendo difícil, para um condenado intelectual como ele, entender as frases desconexas emitidas pelos companheiros, “[...] ouvindo pragas, gemidos, roncos, vômitos.” (RAMOS,

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

1953, p. 170). A analogia que o escritor efetua é a do local carcerário, no caso o Pavilhão dos Primários, com um “fervedouro de cortiço.” (RAMOS, 1953, p. 248).

Todas essas experiências compõem, de todas as formas, os objetos dinâmicos da conjuntura política do Estado Novo. Como o objeto dinâmico tem essa função, no momento em que se torna preche de sentidos sociais, de provocar uma consciência intérprete para lhe dar corpo, Ramos estrutura suas memórias em relato autobiográfico. Neste, o autor não deixa de utilizar a metaficção, interrogando-se sobre a validade de escrever sobre pessoas que têm, evidentemente, existência concreta e real e não são inventadas pelo escritor. Em termos semióticos, é a indagação se o fato de um intérprete ceder à força social dos objetos dinâmicos existentes e culturais pode ser visto como um ato ético. Pode-se, igualmente, produzir um ato estético ao se escrever um livro na cadeia, o qual se torna praticamente um diário de prisão ou memórias de um encarcerado? O que existe de admirável em tudo isso?

Igualmente aí desdobra-se uma esteira de atividades literárias, com muitas referências intertextuais a escritores contemporâneos de Ramos. Um fato interessante é a referência que o autor faz à popularidade dos livros de Jorge Amado entre os presos. O escritor, de alguma forma, está observando a existência e o comportamento do lumpesinato brasileiro. Impressiona-se ao ver os malandros e tipos das favelas atentos no *Suor* e no *Jubiabá*, nas tábuas e nas esteiras. (RAMOS, 1953). E ainda se pergunta: Por que estaria Jorge, só ele, a provocar o interesse dessa gente? Ramos chega a encontrar suas respostas, declarando que Jorge sabia encantar “essa gente”, pois fabricava tramas de sonho (experiências românticas nos saveiros), exatamente com gente iguais a eles, enquanto que seus livros não interessavam a ninguém e ficavam lá “intatos”, conforme dizia. (RAMOS, 1953).

Finalmente, Graciliano Ramos conta que saiu da prisão por intermédio do grande advogado Sobral Pinto, contratado por José Lins do Rego para liberar o amigo, através do diálogo a seguir transcrito. Perguntou Ramos: “Ora doutor, para que tantas minúcias? Como é que o senhor vai preparar a defesa, se não existe acusação? Não há processo.” E o advogado replicou: “Dê graças a Deus [...] Porque é que o senhor está preso?” E Ramos: “Sei lá, nunca me disseram nada.” Sobral: “São uns idiotas. Se eu fosse chefe de polícia, o senhor estaria aqui regularmente com processo.” E Ramos: “Muito bem. Onde é que o senhor ia achar

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

matéria para isso, doutor?" Sobral: “Nos seus romances, homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo.” (RAMOS, 2006, vol. II, p. 299).

Assim, as palavras do advogado Sobral funcionam como uma conclusão de uma rede argumentativa que simplesmente diz: com seus livros, discorrendo sobre injustiça social, o senhor poderia ter um processo diante das leis de um regime autoritário. Mas as autoridades que servem esse regime são tão bestas que acusam e punem sem ter consciência do que estão fazendo.

*Memórias de um Sobrevivente*: a leitura e a escrita como política de si

*Memórias de um sobrevivente*, de Luis Alberto Mendes (2001), é um livro de memórias de boa parte da vida do autor, com quase 500 páginas. Esse volume de memórias começa na infância, nos anos 1960, quando o autor conta a relação amorosa com a mãe e a de medo e pavor do pai, o que o motiva a fugir e a perambular pelas ruas. Ainda garoto, passa pelo Recolhimento Provisório de Menores e se lança na vida marginal, sentindo um prazer crescente em roubar, o que o levará a praticar assaltos cada vez mais complexos.

Segundo Palmeira ([s.d.]), o livro de Mendes é o mais bem acabado entre aqueles que compõem essa nova cena nacional da literatura prisional (sem contar com *Memórias do Cárcere*, que é um clássico). Assim o prova o fato de ele ter continuado a carreira de escritor. Não por acaso a crítica literária, que não se volta tanto para esse tipo de escrita, reservou-lhe uma espaço diferenciado.

Luis Mendes, com tantos delitos, recebe uma pena de cem anos, o que quer dizer ficar a vida toda encarcerado, sendo produzido por uma tecnologia disciplinar de produção social de marginalização. No entanto, existe uma contraforça que modifica sua trajetória de indivíduo perigoso, “[...] de bandido-homicida-latrocida, em indivíduo escritor honesto e até mesmo santo” (MENDES, 2001, p. 400). Mendes conta como se transforma através da leitura, produzindo uma série de nexos causais entre as diversas tramas narrativas, até chegar a um tipo de dissertação reflexiva, que lhe confere um método de ultrapassagem da vida criminosa, suscetível de tornar um indivíduo hediondo em “mais humano e mais sensível”. Carrascosa

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

(2008) chama esse procedimento de aprendizagem de “política de si”. Ao medo que se instala pela intensidade da tecnologia panóptica sucede uma vontade de aprendizagem imensa. Mendes faz o supletivo ginasial e descobre a biblioteca, enamorando-se por aquele lugar maravilhoso, segundo suas próprias palavras. Em seguida, faz poesias e inscreve-se numa rede de correspondentes, o “Círculo de Missivistas amigos”, equivalente, na época, aos modernos fóruns de discussão na Internet. Com as trocas de cartas, apaixona-se, platonicamente, por uma professora de Literatura, Eneida, que se torna fundamental em seu desejo de aprender mais, começando a ler a coleção *Os Pensadores*, desde os pré-socráticos até Sartre, Merleau-Ponty, percorrendo todas as escolas filosóficas. (MENDES, 2001). Ambos leem Érico Veríssimo e discutem sobre “[...] sua ironia fina, sua amarga visão dos homens e suas personagens femininas, fortes e dominantes.” (MENDES, 2001, p. 399). Depois, vão para Jorge Amado, Mário Palmério, Machado de Assis, José de Alencar, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Drummond e Pessoa.

Com toda essa bagagem, Mendes entra pela via da dissertação e comenta os fatos que viveu. Fala de sua experiência viva e confessa que o crime e a ideia de malandragem, que o tornaria um bandido famoso, afasta-se de seu foco de visão. Entende como toda a dor que experimentou poderia torná-lo mais humano, e não um revoltado que deveria sair praticando mais crimes. Essa generalização empírica, que é uma conclusão argumentativa retirada da observação de fatos, tem a natureza da “política de si”, que se configura como um autoinvestimento para escapar de uma situação doravante considerada como deletério. Tal generalização torna-se possível pela escrita e pela transmissão das memórias a uma série de leitores virtuais que deverão, seguramente, examinar a verossimilhança do desenvolvimento argumentativo do emissor.

Mendes termina o livro em 2000, sempre na Casa de Detenção de São Paulo, mas como estudante de Direito na PUC. Já em regime semiaberto de prisão, casa-se e tem dois filhos. Sua “política de si” o faz dizer “Ainda sou aquele, mas sou também outros.” (MENDES, 2001, p. 409). E conclui: “Sim, embora não acredite muito em mudanças do que somos, julgo mais correto pensar em aperfeiçoamento do que somos através de processo sedimentar.” (MENDES, 2001, p. 409). Esse processo da política de si, no que tem de potência de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

transformação da vivência empírica e de instauração de várias relações a si mesmo, parece apreendido pela voz narrativa que informa como a leitura e a escrita têm a força de produzir muitas espécies de aperfeiçoamento. Finalmente, torna-se amigo de Fernando Bonassi, que o incentiva a publicar, e cita, em suas últimas linhas, a simpatia do médico Dráuzio Varella, que ia visitá-los na Casa de Detenção antes do massacre do Carandiru, do qual era um sobrevivente.

## *400 contra 1 e Quase dois irmãos: aprendizagem política*

Abordamos, agora, duas obras: um diário *400 contra um: uma história do Comando Vermelho* (com um filme homônimo traduzido do texto verbal), de William Lima, e outro filme, *Quase dois irmãos* (direção de Carla Murat, roteiro de Paulo Lins), que retomam a temática iniciada por Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*, qual seja, a do encontro de presos políticos com presos comuns e como isso resultou na reconfiguração do plano político brasileiro. Muitos saberes foram intercambiados nesses encontros prisionais, em outra época de ditadura, configurando a nova estrutura do “lumpesinato”. Novos sujeitos políticos foram organizando-se, e eles alteraram os jogos de poder no cenário político brasileiro.

O *ethos* do personagem William (em *400 contra um: uma história do Comando Vermelho*), que nasce desse investimento de si, nos encontros prisionais, surpreende os leitores pelo inusitado: quebrando as fórmulas de bandido-herói, põe em cena quadros significativos do submundo penal. Enfatiza o surgimento da Falange Vermelha, batizada pela mídia como Comando Vermelho (CV), que o autor apresenta como uma organização para a ajuda dos companheiros presos. Até aí, não há implicação do CV com o tráfico de drogas, já que existe para salvar os companheiros da crueldade do arquipélago carcerário no modelo panótico.

E esse modelo vai tomando proporções dantescas, com a instauração da ditadura dos anos 1960, à medida que superlota as prisões, tanto pelo fato de se trancafiarem os presos políticos, como pelo fato de se enquadrarem vários presos comuns, assaltantes de banco, na Lei de Segurança Nacional. Daí nascem as quadrilhas intramuros, na própria prisão, que, a

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

depende do grau de violência, atemorizam, punem e matam os companheiros. É o caso da quadrilha dos Jacarés nessa obra. A administração gerencia as crises “[...] segundo seus próprios interesses”, [...] “dividindo para dominar melhor”, “[...] isolando ou misturando grupos antagônicos” (LIMA, 1991, p. 94), divulgando para a imprensa o que lhe convém.

Para William, o exercício da narrativa autobiográfica serve não apenas como uma espécie de decantação da experiência, com o esforço de edificação de uma memória, mas, sobretudo, como um pacto de resiliência que ultrapassa as fases de sofrimento para retirar algo de positivo. Contrariamente a Ramos, um intelectual formado, que saiu da cadeia para continuar sua vida, e a Mendes, que descobriu a leitura na cadeia e lá ficou estudando, William não consegue viver honestamente com o aprendizado intelectual que adquire na cadeia. Não há emprego pra ele; isso o frustra e ele acaba voltando ao crime e à cadeia onde descobre outros autores clássicos e, com eles, dialoga em sua autobiografia.

Sigo pensando como é difícil começar a contar nossa própria vida. Brás Cubas não sabia se iniciava suas memórias pela cena de seu nascimento ou de sua morte. A mim não são dadas tais opções: personagem real, não morri e tampouco me recordo como nasci. Minha primeira lembrança, ironicamente já envolve Polícia e Justiça. (LIMA, 1991, p. 19).

O importante é que a leitura é uma prática corrente nas prisões, que já é citada em *Memórias do Cárcere*. Existem outras citações-cultura<sup>9</sup>, como objetos dinâmicos culturais, tais que *Os Sertões*, as quais, nas pequenas bibliotecas dos próprios presos serviam de texto de discussão nos pátios. William declara que lia os cadernos dos bispos do Nordeste, diversas cartilhas, Jorge Amado, Osny Duarte Pereira e Lima Barreto, que ele adorou.

Com a temática do encontro entre presos comuns e presos políticos, a narrativa de William dinamiza intertextualmente outras citações-cultura, como Che Guevara e Régis Debray. Essas citações provocam uma coerência ideológica e uma adesão imediata à carga utópica da enunciação revolucionária. A citação-cultura põe em sintonia as doxas ideológicas com a descrição de seus ideais enunciativos, materializando, no texto, suas próprias condições de recepção pelas comunidades militantes. De certa forma, essa intertextualidade que preside

---

<sup>9</sup> Noções da Análise do Discurso. Vide SOUZA, *Introdução às Teorias semióticas* (2006).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

à estrutura e à composição das narrativas, com as citações-cultura, tende a apresentar um projeto de discurso histórico em uma escritura de múltiplas entradas.

William, assim, discute sobre a politização dos presos comuns através do encontro com os presos políticos e da leitura que daí decorre de muitos livros e manifestos, que se tornam as citações-autoridade de conscientização da malandragem sobre a necessidade de tomar posição contra as classes opressoras e contra a repressão do arquipélago carcerário. Para William, o encontro com os presos chamados de “subversivos” provoca efeitos positivos no sentido da consciência política dos marginais, que entendem a necessidade de uma resistência contra a repressão. Dessa forma, há uma melhoria substantiva do “lumpesinato”, e a Falange Vermelha nasce como “[...] um grupo de presos organizados em torno de qualquer interesse comum”. (LIMA 1991, p.83). Esta foi chamada pela mídia de Comando Vermelho, sendo, assim, demonizada, pois “[...] comando denomina um centro ativo” (LIMA, 1991, p. 83) e “[...] vermelho é um adjetivo que desperta velhos e mortais reflexos em policiais e militares.” (LIMA, 1991, p. 83).

O que eles chamavam de “comando vermelho” não poderia ser destruído facilmente: não era uma organização, mas, antes de tudo, um comportamento, uma forma de sobreviver na adversidade.

O que nos mantinha vivos e unidos não era nem uma hierarquia, nem uma estrutura material, mas sim a afetividade que desenvolvemos uns com os outros nos períodos mais duros das nossas vidas. Como fazer nossos carcereiros (ou mesmo a sociedade) acreditarem nisso? (LIMA, 1991, p. 84).

De todas as formas, William mostra os aspectos positivos da Falange Vermelha e a forma como a mídia a transforma no Comando Vermelho, uma organização perigosa, a quem era atribuído qualquer assalto a banco. Mas, no sistema penal enfermo, as classes pobres aprisionadas por delitos comuns são submetidas a humilhações e aniquilamento, com mais repressão e menos direitos, e a Falange nasce para lhes dar respaldo eficaz. Efetivamente, no livro, William discute sobre sistema penal, a natureza dos presos comuns e políticos, a formação política dos presos, os objetivos e a missão da Falange Vermelha e declara que conseguiu melhorias para todos.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

Por outro lado, William tem a lucidez de afirmar que os apelos ao consumo eram responsáveis por uma marginalização crescente, da mesma forma que as desigualdades sociais. O povo só tinha, então, dois caminhos: um era ser crente, para não delinquir, buscando na fé religiosa a disciplina necessária, mas vivendo segundo uma moral rigorosa ou repressora; o outro era marginalizar-se para buscar seu quinhão de felicidade anunciada. Nesse âmbito, conclui: “A situação das prisões não vai mudar, enquanto o país não mudar.” (LIMA, 1991, p. 105).

Outra obra, um filme, que tematiza o encontro de presos comuns e presos políticos, é *Quase dois irmãos* (2005)<sup>10</sup>, que teve as mãos de Paulo Lins no roteiro. Esse filme opera em três temporalidades, com sintagmas que se alternam entre a infância de Jorginho (Flávio Bauraqui/Antonio Pompeo) e Miguel (Caco Ciocler/Werner Shünemann), o encontro deles na prisão durante a ditadura nos anos 1970 (um preso político, outro preso comum) e a visita de Miguel (como senador da República) a Jorginho, na prisão, já nos anos 1990, como um dos perigosos líderes do CV.

A valorização artística da favela é aqui novamente retomada, pois um poeta da classe média vai lá visitar seu amigo, para juntos exercitarem sua arte, poesia e música. Enquanto isso, seus dois filhos crianças brincam juntos como dois irmãos.

Cada uma das duas crianças vai representar, como uma sinédoque, um grupo de presos. Miguel lidera os presos políticos e, com a chegada dos marginais, solicita um muro para separar um grupo do outro. É que a metódica organização de jovens universitários de classe média bate de frente com o “lumpesinato”, de classe mais baixa. A convivência que, no início, se apresenta amistosa, começa a se acirrar com o passar do tempo. O clímax dos conflitos gera o distanciamento definitivo das classes e o nascimento de um grupo que pretende aproveitar os ensinamentos do grupo político, que será o Comando Vermelho.

As pretensões de separação não encontram unanimidade, e o discurso sobre diferenças de classe desdobra-se, com a contestação de alguns se seria uma atitude correta de militantes

---

<sup>10</sup> O filme recebeu os prêmios de Melhor Direção e Melhor Ator (Flávio Bauraqui) no Festival do Rio 2004, além do prêmio da Federação Internacional de Críticos (Melhor Filme Latino-Americano). Foi eleito o Melhor Filme do Festival do Amazonas e levou dois troféus no Festival de Havana: Melhor Edição e Melhor Trilha Sonora

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

políticos buscar uma separação do povo. Diante da truculência e da agressividade de Pingão (Babu Santana) com sua turma, Miguel reflete que a separação seria necessária, para que não acabassem mortos. Efetivamente, Pingão, declarando-se “vagabundo e matador”, recusa as regras que Miguel havia instituído na prisão: “Aqui é cadeia de preso político. Não se rouba. Não se fuma maconha. Não tem pederastia. Tem que separar quem é companheiro de quem não é companheiro [...]. E não quero a morte como solução”. (*Quase dois irmãos*, 2005).

Jorginho, no entanto, um ladrão comum, que fica do lado dos presos políticos, já havia discutido com Miguel (seu quase irmão) que a separação representava as mesmas discriminações que existiam no mundo exterior entre ricos e pobres, brancos e negros. Ele resolve enfrentar os presos do grupo de Pingão, acabando por matá-los, para que todos ficassem juntos numa mesma quadrilha, seguindo as regras de convívio dos presos políticos. No filme, Jorginho e seu grupo são caracterizados como pertencentes à Falange Vermelha.

Finalmente, no terceiro período temporal, Jorginho encontra-se novamente na prisão como líder do CV (que já é visto nos anos 1990 como uma facção perigosa), o que significa que seu aprendizado, seguindo sua política de si, e o fato de ter aceito, de forma contundente, o código de seu “quase irmão”, líder dos presos políticos, não facilitaram sua reinserção na sociedade. O esvaziamento de sua interioridade dá-se como um descentramento de sua personalidade de bandido quadrilheiro, que entra em curto-circuito com a multiplicidade de forças da tecnologia punitiva, não conseguindo recompor-se na vida social. Jorginho é assassinado na prisão, após a visita de Miguel, em pleno carnaval.

Com efeito, as imagens do carnaval nas cenas finais do filme funcionam como relações ilustrativas da cena cultural do país. No momento em que os dois mundos diametralmente opostos estão desmoronando (o assassinato de Jorginho na prisão e o estupro da filha de Miguel na favela pela facção inimiga de seu namorado Deley, protegido de Jorginho), a cadência triste e embalada do samba-canção de Naná Vasconcelos anima fantasiados do carnaval, que atravessam o caminho de Miguel, este já à procura de sua filha. Justamente as imagens de ilusão do carnaval, metáforas de uma formação cultural onipresente no país, relacionam-se com as palavras de Miguel na cabeceira do leito de hospital de sua filha:

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

“Temos todos duas vidas. Uma que sonhamos, a outra que vivemos.”(*Quase dois irmãos*, 2005).

Enquanto *Quatrocentos contra 1* aborda a formação do CV, numa forma positiva e solidária, como organização suscetível de melhorar as condições dos presos nas cadeias, *Quase dois irmãos* mostra as consequências nefastas do agrupamento, abrigo de bandidos *perigosos e bem organizados*.

## *Palavras finais*

Como o diz Candau (2011), a memória pode ser apresentada, mas nem sempre representada. Muitas vezes, o esquecimento (com sua atitude amnésica), inimigo da memória, impõe suas regras e impede uma rede de índices determinada de ser compartilhada por um coletivo. A formação das favelas e das periferias, durante os projetos brasileiros de urbanização, a vivência prisional nos arquipélagos carcerários, durante e após os períodos de ditadura, são fatos que configuraram o panorama sociopolítico nacional, mas que são omitidos nos documentos oficiais. Algumas narrativas foram surgindo, interligando índices de narrativas singulares, e, pelo exercício, muitas vezes, da metamemória, elevaram-nos à categoria de símbolo: momento em que a teia sónica de tais vivências adquire maturidade representativa, pelos jogos inferenciais que estabelecem entre seus objetos dinâmicos e imediatos, e permite o compartilhamento de lembranças.

As narrativas que escolhemos trazem a marca de um realismo considerado brutal; até mesmo as memórias de Graciliano Ramos, que desdobram passagens detalhadas de violência. Mas tais narrativas, caracterizadas como memórias marginais, manifestam uma dinâmica intertextual, aptas a escaparem de uma idealização puramente indicial, que representam vidas e fatos sem nível relacional, para um compartilhamento simbólico. Por outro lado, inscrevendo-se também num tipo de realismo pós-metafísico, elas adquirem um poder de evocabilidade de um mundo de justiça esquecido ou ocultado, que acompanha grande parte dos cenários autorreflexivos de seus narradores. Em outras palavras, comportando citações de um patrimônio comum, essas narrativas transmitem signos memoriais, não apenas do real

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

político, mas, sobretudo, de um real cultural, comprometidos com a idealização simbólica de um coletivo: podem dar sentido a uma série de fenômenos individuais e descontínuos, buscando o inteligível da memorialidade.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

BISPO, Ma. de Fátima, S. *Pereba*. In: SOUZA, Licia S. (Org.). *Dicionário de personagens afro-brasileiro*. Salvador: Quarteto, 2009.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CÂNDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARRASCOSA, Denise. *Técnicas e Políticas de si nas margens: seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor*. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BERND, Zila, *Americanité et mobilités transculturelle*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2009. Coll. Américana.

BOUCHARD, Gérard. América, terra de Utopia? *Cultura*. Petrópolis: Vozes, n. 5, pp. 76-87, set./out., 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Vozes, 1996.

GALVÃO, Walnice N. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Editora Perspeciva, 1972.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, William da Silva. *400 contra 1: história do Comando Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 1991.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012  
ISSN: 2176-5782

*MEMÓRIAS do Cárcere*. Direção de Nelson Pereira dos Santos, produção de Maria Da Salete, Raimundo Higino e Jose Olisio, Intérpretes: Carlos Vereza, Glória Pires, José Dumont, Wilson Grey, Joffre Soares, Fábio Barreto, Jorge Cherquess, Nildo Parente, Ligia Diniz, Marcus Vinícius e outros, Brasil, 1984, 185 min.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. Ambivalências formais em *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, e *Diário de um detento*, de Jocenir. *Literatura e Autoritarismo: dossiê “Escritas da Violência”*. [S.l.,s.d]. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art\\_13.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art_13.php). Acesso em: 16 de novembro de 2011.

*QUASE dois irmãos*. Direção de Lúcia Murat, produção de Aílton Franco e Branca Murat, Intérpretes: Flávio Bauraqui, Antonio Pompeo, Caco Ciocler, Werner Shünemann, Marieta Severo, e outros, Taiga Filmes / Videofilmes / TS Productions, Brasil, 2005, 102 min.

*400 contra um: a história do crime organizado*. Direção de Caco Souza, produção de Nelson Duarte, Intérpretes: Daniel de Oliveira, Daniela Escobar, Negra Li, Jonathan Azevedo, Jefferson Brasil, Rodrigo Brassoloto, William Jonser, Lui Mendes. e outros, Globo Filmes / Destiny International / Regina Filmes / Lereby Produções / Manga Rosa Filmes / MegaColor, Brasil, 2009, 98 min.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*: prefácio de Nelson Werneck Sodré, 17. ed. Rio/São Paulo: Record, 1984. 2v. illust.

ROCHA, Tatiana R. D. O. *Cidade de Deus: o arcaico e o moderno no romance contemporâneo*. [S. l.], 2007. Disponível em: [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1783](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1783). Acesso em 19 de junho de 2011.

SOUZA, Licia Soares de. *Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis:Vozes, 2006.